

O CASO DORA: LÁ ONDE RESIDE O SINTOMA HISTÉRICO

Adelice Jaqueline Bicalho*
Dilemara de Pinho Damasceno Sellos**

Resumo

A escuta psicanalítica da histeria encontra no caso Dora, descrito por Freud, o seu maior referencial. O caso Dora, reúne os conceitos de fantasia, passado remoto, atividade sexual infantil e traz algumas conjecturas de Freud sobre o sintoma histérico. Objetiva-se aqui analisar os aspectos da sexualidade contidas no caso Dora e sua interlocução com a formação do sintoma na histeria. Como método utilizou-se a revisão bibliográfica de forma narrativa através da leitura do próprio caso em Freud e da leitura de livros de psicanálise e artigos científicos. Para a busca dos artigos utilizou-se a base de dados google acadêmico, com os descritores psicanálise e histeria. Os resultados apontam que há uma série de sintomas característicos da histeria, tais como: disfunções sexuais, ataques convulsivos, distúrbios da sensibilidade, distúrbios da atividade sensorial e paralisias, todos demonstrando a perspectiva psicológica como fundamental para a compreensão do fenômeno histérico. Indicam, ainda, as duas formas sintomáticas mais identificadas na histeria, que são as de conversão e de angústia. Conclui-se que a causa da histeria não pode ser explicada baseando-se somente no funcional do organismo e da sua fisiologia, é preciso considerar a importância dos afetos e da sexualidade reprimida como causa importante da neurose histérica.

Palavras-chaves: Sintoma histérico, Caso Dora, Psicanálise, Sexualidade

*Professora Mestre do Curso de Psicologia da Universidade Vale do Rio Doce.

**Professora Mestre coordenadora dos cursos de especialização Docência do Ensino Superior e Psicopedagogia.

Introdução

Os estudos sobre a histeria remontam às pesquisas de Freud (1895) quando o autor aponta nos escritos sobre a *Teoria da Sedução* que o trauma vivido pelo paciente histérico era de origem sexual, supondo que a histeria poderia ser fruto de um abuso sexual realmente vivido pelo sujeito na infância.

Ainda em 1895, Freud publica *Estudos sobre a histeria*, onde apresenta apontamentos a respeito da histeria. Essa obra é composta pelo relato de cinco casos clínicos, sendo o caso Dora um importante elucidador da correlação entre sexualidade e sintoma histérico.

Fulgêncio (2019) esclarece que Freud explica o sintoma histérico em função de sua origem psicoafetiva, ainda que não seja descartada a necessidade de que exista um organismo (biológico) predisposto a ser assim afetado. O autor ressalta com isto que, na psicanálise, os fatores de ordem psíquica irão creditar a gênese dos sintomas históricos e que esses têm uma estrutura análoga às sugestões pós-hipnóticas, e devem, portanto, ser considerados como efeitos de representações psíquicas inconscientes.

Assim tem-se como objetivo, neste estudo, analisar os aspectos da sexualidade contidas no caso Dora e sua interlocução com a formação do sintoma na histeria, haja visto que a literatura pesquisada relata que Freud traz descobertas de que a identificação histórica é da natureza do desejo sexual reprimido na própria histeria, ou seja, o sintoma histérico traz em si a fabricação de um desejo insatisfeito, um desejo a ser buscado no outro e somatizado nas vias do próprio corpo, através de manifestações psicossomáticas.

Desenvolvimento

Ferreira e Motta (2014) descrevem que em outubro de 1900, Freud é procurado pelo pai de uma jovem, Ida Bauer, com o objetivo de que a moça seja tratada por ele. Freud a atende e, imediatamente após a interrupção do tratamento, que se deu em 31 de dezembro daquele ano, redige o caso, publicado apenas em 1905. Os autores abordam que este estudo de Freud ganhou originalmente o título de "Sonhos e histeria", substituído na publicação por "Fragmento da análise de um caso de histeria". Neste fragmento consta a análise de um caso de histeria em que as complicações se agrupam em torno de dois sonhos e, na publicação, o nome escolhido para ocultar a identidade da paciente é Dora.

A escolha do nome Dora, segundo Ferreira e Motta (2014) vem do grego (*doron*) que significa "presente", "dádiva", não é casual. Os autores ressaltam que Dora revela a Freud o caráter homossexual do desejo insatisfeito. Essa homossexualidade é resultado de uma identificação com o homem, via pela qual a histérica se interroga sobre a feminilidade. Justamente por isso, em sua obra Lacan (1988, p.146, tradução nossa) se refere à histérica como "mascarada".

Freud (1905) relata que Dora vivia com seu pai, sua mãe e seu irmão, tendo sido sempre muito próxima ao pai. Ele teve em sua vida muitas enfermidades, e Dora sempre se responsabilizou por seus cuidados. A maturidade da garota foi também responsável por aproximá-los desde cedo, já que o pai encontrou nela uma agradável companheira e confidente. A relação entre seus pais, importante ressaltar, não era muito boa, sendo os dois bastante distantes. Quando Dora tinha seis anos, a família se mudou para outra cidade, e lá fizeram amizade com um casal, o Sr. e a Sra. K. O pai de Dora se aproximou bastante da Sra. K., que muitas vezes cuidou dele quando sua saúde piorava.

A princípio, Dora tinha também grande afeição por ela, mas depois de certa época passou a não mais suportá-la, afirmando que ela e seu pai tinham um caso amoroso. A moça, inicialmente, tinha boa relação também com o Sr. K, mas aos 16 anos acusou-o de lhe fazer uma proposta amorosa, passando desde então a evitá-lo.

Quanto à saúde de Dora, ela já apresentava, desde a infância, sintomas históricos. Com sete anos apareceu o primeiro sintoma conversivo, enurese noturna, passando, ao longo dos anos, por dispneia, tosse nervosa, afonia, enxaquecas, depressão e insociabilidade histérica. Todos esses sintomas estavam relacionados a um recalçamento sofrido por Dora algum tempo antes. Sobre a histeria, esta situa-se numa classe de neuroses que apresentam quadros clínicos muito variados. Seu desenvolvimento está diretamente ligado a conflitos psíquicos inconscientes e ao recalçamento de fantasias, que se exprimem sob a forma de simbolizações. A doença, muitas vezes, traz consigo sintomas conversivos (na histeria de conversão) ou fóbicos (na histeria de angústia), embora eles não sejam obrigatórios. Outras características comuns, relacionadas ao recalçamento, são as amnésias e ilusões da memória.

No caso Dora, Freud (1901) ressalta que se trata de uma histeria com tosse nervosa e afonia, cujas origens podem ser encontradas nas características de uma chupadora de dedo; e o papel principal nos processos psíquicos em conflito é desempenhado pela

oposição entre uma atração pelos homens e outra pelas mulheres, ou seja, o papel representativo da sexualidade na histeria.

Discussão

No caso Dora, Freud (1901) focaliza sua análise quando paciente lhe contou da amizade que ela e o seu pai tinham feito por um casal, Sr. e Sra. K ali radicado já há muitos anos. A Sra. K. cuidara do seu pai durante sua longa enfermidade, tendo assim feito jus à sua eterna gratidão. O Sr. K. sempre fora extremamente amável com Dora, levando-a para passear, dando-lhe pequenos presentes, mas ninguém via nenhum mal nisso. Dora esclareceu o estranho comportamento do Sr. K. contando à mãe, para que esta por sua vez o transmitisse ao pai, que o Sr. K. tivera a audácia de lhe fazer uma proposta amorosa, durante uma caminhada depois de um passeio pelo lago.

A experiência de Dora com o Sr. K., suas propostas amorosas a ela e a conseqüente afronta a sua honra parece fornecer, no caso da paciente, o trauma psíquico que Freud assinalou ser a condição prévia indispensável para a gênese de um estado patológico histérico, ou seja, a gênese da neurose estaria na esfera do trauma da sexualidade

A descrição do caso relata que o Sr. K. combinara com Dora e com sua mulher para que, à tarde, elas fossem encontrá-lo em sua loja comercial, na praça principal para dali assistirem a um festival religioso. Mas ele induziu sua mulher a ficar em casa, despachou os empregados e estava sozinho quando a moça entrou na loja. Ao se aproximar a hora da procissão, pediu à moça que o aguardasse na porta que dava para a escada que levava ao andar superior. Em seguida voltou e, ao invés de sair pela porta aberta, estreitou subitamente a moça contra si e depois lhe um beijo nos lábios.

Era justamente a situação que, numa mocinha virgem de quatorze anos, despertaria uma nítida sensação de excitação sexual. Mas Dora sentiu naquele momento uma violenta repugnância, livrou-se do homem e passou correndo por ele. Vê-se aqui a simbolização da sexualidade como condição para a histeria. Neste aspecto tem-se que o corpo histérico é um corpo onde os prazeres específicos de órgão não se submeteram a uma experiência sexual centrada no prazer genital. Seu corpo é um peculiar corpo no qual as zonas erógenas e as pulsões parciais parecem não se submeter a uma representação da sexualidade ligada à genitalidade e,

por isto, capaz de produzir a organização funcional de uma sexualidade em que seria possível a assunção de uma identidade de gênero (Freud, 1905).

O caso da paciente Dora ainda não fica suficientemente caracterizado, acentuando-se apenas a inversão do afeto; é preciso dizer, além disso, que houve aqui um deslocamento da sensação reprimida para um corpo somatizado.

Resultados

A afonia de Dora, portanto, admitia a seguinte interpretação simbólica: quando o amado estava longe, ela renunciava à fala; esta perdia seu valor, já que não podia falar com ele.

Nos relatos de Dora, em que expõe o relacionamento de seu pai com a Sra. K., acreditava-se que Sra. K só amava seu pai porque ele era um homem de poses, como se expressou um homem sem recursos. Isso só poderia ser entendido num sentido sexual que seu pai como sendo homem sem recursos, era impotente.

A maneira de se obter satisfação sexual, precisamente nas partes do corpo que nela se achavam em estado de irritação - a garganta e a cavidade bucal. Mas era irrecusável a complementação de que sua tosse espasmódica - que, como de hábito, tinha por estímulo uma sensação de cócega na garganta, representava uma cena de satisfação sexual.

O relato de Freud, citado por SAFATLE (2016) nos permite perceber como, no caso de Dora, seus sintomas somáticos são ligados à oralidade (acesso de tosse, dispnéia, asma nervosa, afonia). Eles revelam a inscrição, no corpo sexuado, de um modo de identificação e de demanda em relação ao pai (um grande fumante), o que não deixa de indicar a representação oral da relação sexual (felação) prevalente devido à impotência paterna, assim como os prazeres de chupeteadora (Dora chupou o dedo até a idade de 4 a 5 anos) na sua primeira infância estabelecem o gozo em uma área de cumplicidade com o pai e com conflitos edipianos mal resolvidos.

A conduta histérica de Dora denota seus traumas relativos às experiências com sua sexualidade, fatos geradores da histeria de conversão. SAFATLE (2016) esclarece, por fim, que Dora não é uma homossexual que se desconhece enquanto tal, mas alguém que não sabe qual seu lugar como desejante. Ela não está no lugar errado, simplesmente não há lugar possível para ela. Ela está em lugar algum. Conforme Lacan: "Dora

não pode nada dizer sobre o que ela é; Dora não sabe onde se situar, nem onde está, nem para que ela serve, nem para que serve o amor” (LACAN, 1988, p.146, tradução nossa).

Considerações finais

No referido Caso Dora vê-se que a sexualidade desempenha um papel principal na patogênese da histeria, denotando traumas psíquicos e as defesas represoras da consciência.

Indica, ainda, as duas formas sintomáticas mais bem identificadas que são as histerias de conversão, em que o conflito psíquico vem simbolizar-se nos sintomas corporais mais diversos e a histeria de angústia, em que a angústia é fixada de modo mais ou menos estável neste ou naquele objeto exterior caracterizando uma fobia.

Assim, Freud analisa que a histeria pressupõe necessariamente uma experiência de desprazer - isto é de natureza passiva, esclarecendo que a passividade sexual, natural das mulheres, explica o fato delas serem mais propensas à histeria.

Por fim, tem-se que a crise e o sintoma histórico são eminentemente afetivos, advindos de um drama pessoal encenado, expressando um conteúdo emocional reprimido. No caso Dora, viu-se que a sua somatização corporal do sintoma histórico denotou o lugar demarcante onde reside realmente este sintoma, ou seja, na esfera da sua sexualidade.

Referências

FREUD, Sigmund. (1905). Estudos sobre a histeria. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1901). *Estudos sobre a histeria (Edição Standard Brasileira da Obras Completas e de Sigmund Freud, Vol. 2)*. Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1895). *Um caso de histeria. (Edição Standard Brasileira da Obras Completas e de Sigmund Freud, Vol. 7)*. Rio de Janeiro: Imago.

FERREIRA, Nádia Paulo e MOTTA, Marcus Alexandre: *Histeria: o caso Dora, psicanálise passo a passo*, ZAHAR editora, São Paulo, 2014.

FULGÊNCIO, Leopoldo. A compreensão freudiana da histeria como uma reformulação especulativa das psicopatologias in *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, V, 4, 30-44, acessado em 05 de outubro de 2019.

LACAN, Jacques, *Séminaire Séminaire IV*, Paris: Seuil, 1988.

SAFATLE, Vladimir. Permanecer histórica: Sexualidade e contingência a partir do caso Dora, in revista *Ágora (Rio J.)* vol.19 no.3 Rio de Janeiro Sept./Dec. 2016.